

ANÁLISE DO DISCURSO HUMORÍSTICO: AS RELAÇÕES MARIDO E MULHER NAS PIADAS DE CASAMENTO *

Gesiane Monteiro Branco FOLKIS

RESUMO *Este trabalho objetiva estudar a análise do discurso humorístico das piadas de casamento. Entendemos que o discurso humorístico, assim como qualquer outro, traz as marcas sócio-históricas, as diversas manifestações culturais e ideológicas, valores arraigados que nele se manifestam e, por isso, aquilo que se diz nas piadas não pode, gratuitamente, ser deixado de lado.*

Primeiramente, fizemos uma leitura de alguns dos principais teóricos que se dedicaram, mesmo que sob os diferentes enfoques, à análise de piadas. Em seguida, apresentamos aspectos históricos da instituição do casamento, das teorias do contrato, do sistema de dotes e das relações de gênero que definem e moldam as regras de comportamento e os significados das representações sociais estabelecidas como diferenças entre o feminino e o masculino, com o objetivo de compreender a ordem do discurso que justifica o aparecimento das piadas.

A parte final destina-se a análise das piadas. Subdividida em duas partes, fazemos, na primeira, a análise dos discursos das piadas mais antigas veiculadas em magazines femininos no período de 1924 a 1954. Na segunda parte, analisamos as piadas mais recentes (1999 a 2004) veiculadas em livros, revistas, internet... Na conclusão, estas partes se articulam com o propósito de mostrar que o discurso das piadas de casamento, embora reflitam as mudanças de valores sociais que marcam a instituição, operam, principalmente, com estereótipos que, por isso mesmo, contribuem para a manutenção de conceitos e preconceitos que marcaram/marcam as relações marido e mulher no contexto do casamento.

ABSTRACT *The aim of this study is to analyze the humor discourse in marriage jokes. We comprehend that the humor discourse, like any other, brings social and historical marks, many cultural and ideological manifestations, rooted values that occur in them and, thus, what is said in the jokes cannot, for free, be ignored.*

* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentado ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 22 de novembro de 2004, orientada pelo Prof. Dr. Sirio Possenti.

First, we have read some of the main scholars that dedicate their studies, even with different focus, to the analysis of jokes. Secondly, we have presented historical aspects of the marriage institution, of the contract or law theory, of marriage-portion system and of the gender relations that define and mould the behavior rules and the meanings of social representations established as differences between female and male, with the objective to comprehend the discourse order that justify the recurrence of the joke. The last part is designated to the analysis of the jokes. Divided in two parts, we have done in the first one the analysis of the discourse of the oldest jokes propagated in female magazines during the period of 1924 and 1954. In the second part we have analyzed the most recent jokes (during the period of 1999 and 2004) propagated in books, magazines, on the Internet... In the conclusion, these parts are articulated aiming to show that marriage joke discourses although reflecting social values changes that mark the institution, operate mainly with stereotypes that, because of this, contribute to the maintenance of concepts and prejudice that marked/mark the relations between husband and wife in marriage context.

Nossa pesquisa nasce de uma observação curiosa: ao analisarmos piadas publicadas em alguns exemplares de um magazine feminino (Jornal das Moças, das décadas de 30 e 40) chamou-nos a atenção o fato de que, em uma publicação cujo propósito fundamental era preparar e orientar as mulheres para o casamento, essas piadas faziam referências pouco elogiosas à instituição e, particularmente às esposas. Nas piadas mais atuais também encontramos o mesmo tipo de referências. Por que as piadas de casamento dizem o que dizem?

Não podemos ignorar que o discurso humorístico, assim como qualquer outro, é determinado por razões histórico-sociais: as diversas manifestações culturais e ideológicas, valores arraigados que nele se manifestam. Nesse sentido, ele não afirma nenhuma novidade, mas repete outros discursos que socialmente estão sedimentados, institucionalizados. Pensamos que, enquanto manifestação de linguagem, o discurso humorístico não pode ser entendido como “bobageira”, “conversa fiada”, produzido apenas para provocar o riso. Não negamos o seu aspecto lúdico, a exemplo das piadas, porque quem as conta tem o objetivo primário de divertir quem as ouve.

Cabe destacar, porém, que não há temas ou assuntos que são engraçados por si mesmos. Não é o assunto que determina o efeito do humor. Esse efeito decorre, certamente, da maneira como ele é lingüisticamente construído. Mas, nossa proposta não privilegia a análise das técnicas que produzem o humor, mas *as razões pelas quais ele é socialmente produzido*. De onde advém esse discurso que nos faz rir, até mesmo dos nossos sofrimentos?

Em Possenti (1998), encontramos três razões que podem explicar a presença de alguns temas que são recorrentes nas piadas, tais como sexo, política, racismo, bêbados, casamento etc. Primeiro, porque as piadas tratam de temas que são socialmente

controversos e encontramos nelas “um excelente *corpus* para reconhecer (ou confirmar) diversas manifestações culturais e ideológicas, valores arraigados”. Certamente, nas piadas de casamento encontramos esses valores, por exemplo, quando se afirma que “o casamento tira a liberdade (dos homens)”.

Encontro casual...

- *Oh! Quanta alegria por vê-lo, depois de tanto tempo. Disseram-me que a sua esposa está veraneando em Teresópolis.*

- *É verdade! Estou em liberdade provisória (JM – 25/03/1943)*

Segundo, porque as piadas operam com estereótipos. Nas piadas de casamento eles se referem principalmente às mulheres (esposas, sogras), provavelmente alicerçados nos preconceitos e nas diferenças de gênero. Um desses estereótipos pode estar, por exemplo, na afirmação de que as esposas gastam demais:

Morte suspeita...

O comissário: - O senhor está convicto de que o homem se suicidou?

A testemunha: - Eu não tenho a menor dúvida. Vi perfeitamente que ele tinha nas mãos uma fatura da costureira de sua mulher. (JM – 03/09/1943)

E, principalmente, o estudo das piadas é interessante porque elas são, quase sempre “veículo de um discurso proibido, subterrâneo, não oficial”. As piadas, por exemplo, podem estar manifestando discursos racistas, sexistas etc.

Mas, como justificar, nas piadas, esse certo “mal estar” que ronda a relação marido e mulher no casamento. Para Freud (1969) a razão deste “mal estar” está no que ele considera a fonte social do sofrimento humano: a “inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade”. As normas socialmente estabelecidas, com o propósito de proporcionar aos seres humanos proteção e benefício, podem estar, ao contrário, trazendo-lhes sofrimento. Cremos que algumas piadas traduzem esse sofrimento.

Por outro lado, pensamos que a produção do discurso humorístico caminha, muitas vezes, no sentido de burlar, fugir ao controle da interdição. Há, socialmente, discursos permitidos e discursos proibidos. Dizemos e fazemos, normalmente, o que socialmente se espera que digamos e façamos em determinados lugares ou momentos. As piadas são excelentes lugares para se dizer o que oficialmente não se pode ser dito. O discurso do humor sobre o casamento, é o contraponto do discurso “sério” sobre as suas virtudes. Através dele, as mazelas da relação marido/mulher (ou de outros temas) podem ser abordadas sem censuras, já que constituem “apenas piadas”.

Casamento...

O garoto: - Mamãe, por que é que toda noiva se veste de branco?

A mãe: - Porque o branco é a cor da felicidade.

O garoto: - Então o desgraçado é sempre o noivo? (JM – 05/09/1940)

O DISCURSO HUMORÍSTICO

Para a análise do discurso humorístico fundamentamo-nos em alguns autores que, de alguma forma, trataram do assunto: Freud (1905,1969), Bergson (1940), Possenti (1998).

Para Freud os chistes desempenham um papel fundamental em nossa vida mental, em nosso inconsciente e por isso, para compreendê-los, o autor faz uma análise extremamente minuciosa das técnicas de sua produção. Segundo ele “o chiste reside na expressão que o pensamento encontrou na sentença”. Freud, em sua obra, avança no sentido de que já considera o efeito humorístico como o resultante de técnicas lingüísticas, das quais destaca três: condensação, múltiplo uso do mesmo material e duplo sentido. Um chiste sobre casamento exemplifica o uso do duplo sentido:

Um médico, afastando-se do leito de uma dama enferma, diz a seu marido:

- Não gosto da aparência dela.

- Também não gosto e já há muito tempo, apressou-se o marido em concordar.

Particularmente, considerando a importância dos chistes sobre casamento, Freud dedica alguns parágrafos de sua obra àqueles dirigidos aos agentes matrimoniais, personagens encarregados, em sua época, dos “arranjos de casamento”. Segundo ele, estes chistes estariam sendo utilizados para atingir algo mais importante: pretendiam criticar o ridículo das atitudes dos pais que podiam pensar ser justificável a trapaça para arranjar um marido para a filha, ou criticar a condenável situação das moças que se deixam levar à desgraça dos casamentos contratados em tais bases:

O noivo, ficando desagradavelmente surpreso quando a noiva lhe foi apresentada, chamou o agente a um canto e cochichou-lhe suas censuras:

- Por que você me trouxe aqui? – perguntou recriminadoramente. - Ela é feia, velha, vesga, tem maus dentes e olhos remelentos.

- Não precisa abaixar a voz - interrompeu o agente, ela é surda também.

Também em Bergson (1940) buscamos a compreensão do humor. Destacamos sua observação, ao afirmar que o riso “tem uma função social”: o riso é uma espécie de gesto social que castiga os costumes. Rimos do que é involuntário e desajeitado (rimos quando alguém tropeça e cai, ou dos aleijados), dos desvios (da sexualidade padrão e, então, são contadas piadas sobre homossexuais), dos vícios (rimos dos bêbados) e, particularmente, dos exageros da rigidez social (contam-se piadas de pessoas que se destacam pela rigidez de caráter e de costumes).

Creemos que as piadas podem, efetivamente, corroborar com a tese proposta por Bergson: através delas a sociedade castiga as liberdades que foram tomadas com ela mesma. Que desvios ou excessos vêm sendo considerados nas piadas de casamento? Acreditamos que pela Análise do Discurso é possível discutir as intenções da sociedade ao rir de certas « desarmonias » sociais, esse algo de atentatório à vida social que justifica, na visão de Bergson, a razão da comicidade.

Ainda em Possenti (1998), consideramos alguns aspectos fundamentais para a análise de piadas e a importância em estudá-las. Primeiramente, porque a produção do humor depende de mecanismos lingüísticos: embora não exista uma lingüística do humor, o texto humorístico pode ser explicado a partir dos mecanismos lingüísticos que fazem dele um tipo especial de texto - voltado para os efeitos de sentido humorísticos e para provocar o riso.

Outro fator relevante no discurso humorístico é o fato de ele não ter autor. Piadas não trazem indicação de seus autores, algo parecido com “vou contar uma piada da autoria de.....”. Se a autoria, dentre outros mecanismos, constitui-se elemento fundamental para o estabelecimento da unidade e sentido do texto, a não-autoria presente no discurso humorístico também o é. Possenti observa que as piadas “são uma evidência de que existem discursos que se dizem - que são ditos por todos - dadas certas condições, sem que sua origem esteja relacionada a um indivíduo de forma relevante”. Esta característica permite que eles veiculem, além de seus sentidos mais apreensíveis, outros que podem estar vinculados a conceitos/preconceitos socialmente arraigados.

Outro aspecto, destacado por Possenti, refere-se ao humor infantil. Crianças produzem discursos humorísticos? Certamente, crianças dizem coisas engraçadas, levadas muitas vezes pela inocência ou contam piadas cujo sentido, às vezes, não entendem. Crianças são temas de piadas? Também são. As piadas, cujos personagens são crianças, possibilitam a veiculação de um discurso que em outras circunstâncias circulariam com maiores restrições. A presença da personagem infantil nelas (assim como a do papagaio, do bobo da corte, do bêbado, do louco...) pode fazer parte de uma estratégia que permite colocar em circulação discursos que de algum modo são socialmente proibidos ou reprimidos. Através de piadas que têm personagens crianças, violam-se as leis do discurso, certas regras sociais, regras da etiqueta ou da boa educação.

Há, porém, considerada a natureza de nosso trabalho, uma outra questão sobre o humor infantil que entendemos ser fundamental: Que dizem as piadas produzidas para crianças? Podemos, talvez, admitir que as piadas infantis não devem tratar abertamente de temas racistas, sexistas ou qualquer outro tema considerado não “adequado”. Mas, esses temas ali estão presentes, mesmo que subliminarmente. As piadas infantis também tratam de temas polêmicos (sexo, escola, casamento...) e operam com estereótipos. Destacamos algumas que caminham nesse sentido:

(1) *Maluquinho e a Julieta, - teve um dia em que os dois brigaram. E trocaram umas ofensas que só o Maluquinho e a Julieta seriam capazes de trocar.*

- *Se você fosse casada comigo eu te dava um copo de veneno!*

E a Julieta:

- *Se você fosse meu marido, eu tomava!* (Ziraldo, *O livro do riso do Menino Maluquinho*)

(2) *Juquinha já tinha uns cinco anos quando se chegou pro pai e disse:*

- *Pai, eu vou me casar com a Betinha.*

A Betinha tinha quatro anos, imagina! Ai, o pai perguntou, todo sério, pro Juquinha:

- *Mas, Juquinha, como você vai fazer pra sustentar os seus filhos?*

E o Juquinha:

- Já combinei com a Betinha, papai. Toda vez que ela botar um ovo, a gente quebra.
(Ziraldo - Anedotinhas do Bichinho da Maçã)

(3) Tarde da noite, e o Joãozinho de olho aberto vendo televisão. A mãe não agüentava mais e berrou lá de dentro:

- Menino... VÁ DORMIR!

E o Joãozinho:

- Mãe, não grita comigo que eu não sou seu marido!

Já dissemos que as piadas veiculam discursos proibidos, que de alguma maneira sofrem certas restrições sociais. Supomos que um discurso socialmente proibido pode estar submetido a uma espécie de lei implícita, tal como, por exemplo, que “não se deve manifestar regozijo diante da morte de ninguém”. Diante da morte, uma reação natural seria o choro, a lamentação, a dor...Menos o riso. Mas, piadas sobre a morte são contadas e as pessoas riem. Por ocasião da morte do cantor sertanejo João Paulo foi veiculada a seguinte piada:

- Você sabe por que o Papa João Paulo está vindo ao Brasil?

- Não, por quê?

- Para formar uma nova dupla caipira - João Paulo II e Daniel.

Não sabemos se as piadas podem ou devem falar do que falam, mas, o fato é que elas expõem pontos de vista que não podem ou devem ser manifestados em certos contextos ou situações. Há uma espécie de acordo tácito sobre o discurso humorístico: se ele aparece sob a forma de piada, então “pode” ser pronunciado, já que não é para ser levado a sério, pois é apenas uma “brincadeira”. O discurso humorístico é sancionado por uma certa convenção que permite a sua circulação, como se fossem apagadas as normas culturais que regulam as representações de linguagem. O sujeito que anuncia estar contando uma piada coloca-se numa posição de poder dizer o que, eventualmente, estaria proibido em outra situação discursiva.

Que pretende o discurso humorístico? Foucault (1970) entende que a produção do discurso implica num certo número de procedimentos de controle, seleção, organização. Dentre eles, destaca os procedimentos de *exclusão*, dos quais o princípio da *interdição* surge como o mais evidente e familiar. Entendemos que as piadas operam com mecanismos que permitem que se fale do que é tabu, do que é proibido, particularmente quando se referem a temas mais polêmicos, onde “a grade é mais serrada e os buracos negros se multiplicam”. Em sua *“História da sexualidade: a vontade de saber”*, Foucault (1988) acredita haver uma razão (gratificante) que justificaria a formulação, em termos de repressão, do discurso da sexualidade: uma vontade de “transgressão deliberada”. Pensamos que essa vontade de “transgressão” pode, não só, justificar o aparecimento das piadas que têm como tema a sexualidade, ou de outras que tratam de temas que sofrem algum tipo de interdição, restrição. Foucault define, então, o ponto que consideramos fundamental: pensar o que nos leva a dizer “com tanta paixão, tanto rancor contra nosso passado mais próximo, contra nosso presente e contra

nós mesmos, que somos reprimidos”. Sua proposta, não é negar a repressão, nem afirmar “que o sexo não tenha sido proibido, bloqueado, mascarado ou desconhecido” ao longo dos séculos, ou pensar que sua interdição é uma ilusão. Para ele, é a “vontade humana de saber” que serve de suporte e instrumento das produções discursivas. Parte do princípio de que “a colocação do sexo em discurso” revela um mecanismo de crescente incitação. A vontade de saber nunca se deteve diante de um tabu irrevogável e, mesmo diante de muitos erros ao longo da história, acabou por instituir uma ciência da sexualidade. Pensamos que as piadas revelam essa vontade.

Que tipos de discurso constituem as piadas? Reacionários, na medida em que tentam burlar o caráter coercitivo da língua; violadores das regras de controle, seleção e organização da produção do discurso e seus procedimentos de redistribuição na sociedade? Ou reveladores de uma “vontade de saber” que não se detém diante de “tabus irrevogáveis”, que desloca os discursos para os lugares onde não os atingem os mecanismos de interdição e exclusão? Não cremos ser contraditória a possibilidade de pensar que, o que incita os discursos humorísticos, que de alguma maneira violam as interdições, tem sua origem nessa “vontade de saber”.

A HISTÓRIA DO CASAMENTO: CASAMENTO, AMOR E GÊNERO

Em Macfarlane (1990), buscamos compreender a história do casamento na Inglaterra, no período compreendido entre os séculos XIV e XIX, modelo que se difundiu pela Europa e outros continentes, inclusive o americano. O modelo de casamento inglês desse período, tal como descrito por Thomas Malthus, estaria intimamente associado ao surgimento do capitalismo e ao desenvolvimento econômico dos países. A partir do final do século XV, época das grandes descobertas e surgimento do Capitalismo, haverá uma conseqüente liberdade para o contrato de casamento. Essa liberdade, para a maioria da população, manifestar-se-á na possibilidade do “amor romântico” e do “casamento por amor”. Neste contexto, o casamento é entendido como um “subproduto do surgimento de sociedades capitalistas, contratuais e individualistas”.

Em Pateman (1993), encontramos uma interessante discussão sobre as teorias dos contratos que permeiam as relações humanas e, particularmente, a do contrato sexual. O casamento é uma instituição política contratual, mas, entendido como um contrato sexual, raramente é mencionado pelos teóricos do contrato. Sobre ele paira o mais absoluto silêncio. A omissão do contrato sexual ou do casamento, dentro das teorias do contrato, se justificaria pelo fato de que a sociedade civil se subdivide em duas esferas, sendo que, só uma delas merece atenção e é considerada importante: enquanto a história do contrato social é tratada como sendo constitutiva da esfera pública da liberdade civil, a outra esfera, a privada, não é considerada como sendo politicamente relevante. O contrato matrimonial, de ordem privada, foi, de maneira geral, considerado politicamente irrelevante na história dos contratos. Pateman entende que a história do

contrato sexual pode elucidar a questão da diferença entre o ser “homem” e o ser “mulher” e que, esta diferença, embora tratada pelos teóricos como sendo natural, é essencialmente uma diferença política e socialmente construída. A posição social das mulheres no contrato de casamento é marcada por visões pouco positivas que as sociedades, ao longo dos séculos, tiveram sobre elas.

Da leitura de Pateman restou-nos a compreensão de que os questionamentos sobre as teorias do contrato são muitas e polêmicas. O problema da subordinação feminina ainda existe e é entendido como de menor importância. É certo que o cenário político-social mudou substancialmente nas últimas décadas e a história do contrato, hoje, é contada em um contexto político menos hospitaleiro: suas bases tradicionais são fortemente contestadas. Permanece, porém, a hipótese de que as teorias que justificam as desigualdades de capacidade entre o feminino e o masculino, ainda continuam na base dos discursos que separam homens e mulheres, maridos e esposas, tal como no das piadas .

Em Nazzari (2001), encontramos um excelente relato histórico dos acordos econômicos (os dotes) estabelecidos no Brasil, por ocasião dos casamentos, durante o período compreendido entre os séculos XVII e XIX. A justificativa para falarmos sobre o “dote” no contexto do casamento fundamenta-se na hipótese de que ele pode estar na base de alguns discursos que tratam das relações matrimoniais e das questões financeiras que cercam a instituição do casamento, situando-o como um acordo financeiro. Se a existência do dote, no início, dá às mulheres uma posição bastante privilegiada no equilíbrio do poder dentro do casamento, o seu desaparecimento, favorece uma conseqüente dependência e subjugação aos maridos. Somente após o ingresso da mulher no mercado de trabalho (o que não ocorreu sem árduas lutas) essa situação é revertida e ela vai recuperar, lentamente, certa autonomia e independência financeira. As piadas, porém, continuam afirmando que as mulheres gastam o dinheiro do marido.

- Então o senhor quer se casar com minha filha, que não tem dote nem beleza! Há algum louco na sua família?

- Não, senhora: eu sou o primeiro. (Jornal das Moças - 22/8/1940)

As histórias do casamento e as teorias do contrato não podem, com exatidão, recuperar as origens das relações que unem homens e mulheres. Vários aspectos justificaram, ao longo da história, o contrato do casamento, que esteve alicerçado sobre os mais diferentes interesses: econômicos, familiares, ou românticos. Muitos foram os códigos civis e as legislações que tentaram disciplinar as relações humanas estabelecidas através do pacto matrimonial. Os discursos que tentam explicar, justificar, disciplinar essas relações, estão longe de serem finalizados. Ao lado dos discursos “sérios”, aqueles que continuam a disciplinar o casamento, estão os discursos que o abordam humoristicamente, talvez na tentativa tão humana de quebrar a seriedade e a complexidade dos fatos, através de um simulacro da sua não-seriedade.

Considerando que nossa proposta é a análise dos discursos sobre marido e mulher que permeiam as piadas de casamento num período de quase um século, não podemos ignorar que aquilo que se disse ou se diz nelas é resultado de uma história. As discussões sobre os novos paradigmas das ciências sociais permitiram, no rol das discussões históricas, a inclusão do estudo sobre as mulheres e sobre a categoria *gênero*; permitiram a possibilidade de uma releitura dos paradigmas tradicionais que encerraram a história da mulher em um quadro de “verdades” consideradas universais, tais como, por exemplo, “sua inferioridade intelectual em relação aos homens”, ou “o seu dom natural para o amor e para a maternidade”...

Um texto humorístico, na medida em que veicula preconceitos e estereótipos (ideologias) na relação marido-mulher, reproduz as diferenças históricas que, em cada época, marcam os significados desses sujeitos, atores históricos, suas relações e a distribuição de seus poderes na ordem social. Os discursos humorísticos das piadas de casamento representam bem as relações hierárquicas de poder que estão no centro das relações entre homens e mulheres.

A definição histórico-social de parâmetros de escolhas possíveis nessas relações, não elimina, e isto nos parece importante, o dialogismo entre discursos de construção, reprodução ou contestação dos valores socialmente estabelecidos, tal como casamento deve ser por amor; o lugar da mulher é na cozinha etc.

Referências...

A dama: - Eu não digo porque ela seja minha filha, mas Zizinha é uma jovem muito prendada: desenha, toca piano, fala quatro línguas, monta a cavalo.

O cavalheiro: - Se eu soubesse cozinhar me casaria com ela.(JM/42)

A contribuição de Bassanezi (1992,1996) caracterizou-se bastante importante para nossa pesquisa, pois aquilo que se diz nas piadas de casamento não pode ser lido sem que se levem em conta os significados de gênero; sem que se considere que as relações marido e mulher são construídas socialmente, dentro dos parâmetros estabelecidos, de poder e hierarquia, e que são determinantes dos papéis sociais estabelecidos para o ser homem e o ser mulher. Acreditamos, porém, que as piadas de casamento têm um duplo poder: elas contribuem para a reprodução de valores estabelecidos, como, por exemplo, quando reforçam preconceitos, ou podem atuar como crítica a valores arraigados, por exemplo, quando contestam “a natural superioridade do masculino sobre o feminino”.

O atraso do almoço...

O marido: - Mas então o almoço não está pronto!?. Eu vou ao restaurante!

A esposa: - Espera ao menos quinze minutos.

O marido: - O almoço ainda não estará pronto.

A esposa: - Mas eu estarei vestida para ir contigo. (JM – 12/02/1942)

Exemplos paternos...

A irmãzinha: - Olhe, Jorginho, já estou cansada de brincar de papai e mamãe. Vamos fazer as pazes, antes de acabar a brincadeira. (JM – 09/05/1957)

No capítulo final de nossa pesquisa, subdividido em duas partes, dedicamo-nos à análise das piadas. Primeiramente analisamos as piadas mais antigas, publicadas entre 1924 e 1959. Num segundo momento analisamos piadas mais recentes, veiculadas a partir de 1990. Que diziam as piadas de casamento antes? Que dizem hoje? Estas questões constituem o ponto básico de nosso trabalho, pois entendemos que, o que se diz nas piadas não pode ser ignorado.

A nossa proposta de análise procurou adequar-se a uma das tarefas da Análise do Discurso, aquela que se fundamenta em um conjunto de procedimentos sistemáticos que objetivaram responder às perguntas: O que se fala nas piadas de casamento? A partir de onde se fala? O que significa o que se fala?

Sob a égide da Análise do Discurso, privilegiamos os fatores históricos responsáveis pelo discurso das piadas de casamento. Buscamos encontrar na sua história, nas relações de gênero, ou de outras que envolvem as relações marido e mulher, algumas “pistas”, fatos que, de algum modo, justificam o discurso dessas piadas. Numa análise comparativa entre as piadas mais antigas e as mais recentes pudemos confirmar as hipóteses de que:

1°.) A instituição do casamento é polêmica porque envolve relações entre pessoas. A história do casamento se perde na filogênese dessas relações. De maneira geral a história do casamento é interpretada e reproduzida a partir de construções sociais nas quais predomina uma hierarquia de poder entre o masculino e o feminino. Mesmo diante das conquistas femininas, os resquícios dessa história estarão na base dos casamentos tal como o conhecemos no Ocidente, pelo menos até o final do século XX. Hoje, as piadas que colocam em discussão “quem manda em quem no casamento” parecem revelar a existência de um sistema patriarcal que, provavelmente, numa sociedade como a nossa, pode estar sendo modificado.

2°.) As piadas de casamento também giram em torno de estereótipos, quer na identificação dos sujeitos que participam da instituição do casamento (marido, esposa, sogra...) ou na identificação da própria instituição. Visão simplificada das coisas? Provavelmente. Reflexo de um “juízo incriterioso”? Acreditamos que necessariamente não. Os estereótipos que aparecem nas piadas de casamento, mais antigas ou mais recentes, são decorrentes dos conflitos que historicamente permearam/permeiam a relação marido e mulher: o que se diz das esposas; o que se diz dos maridos; o que se diz de sogras... Os estereótipos constituem discursos tão fortemente arraigados que, mesmo não verdadeiros, são repetidos. Um exemplo poderia ser dado através de piadas que continuam dizendo que mulheres dirigem mal, ainda que dados estatísticos confirmem a preferência das seguradoras nos seguros de mulheres motoristas.

3°.) As piadas de casamento também veiculam um discurso proibido, não-oficial. As sociedades sempre terão seus valores, ideologias, proibições, tabus... Mas, parafraseando Foucault, elas não conseguem calar essa “vontade de saber”, essas produções discursivas que levam buscar a verdades das coisas ou a formular as mentiras destinadas a ocultá-las. As piadas são um forte exemplo de que a língua nos permite “transgressões deliberadas”, nos permite “colocar as interdições em discurso”.

CONCLUSÃO

Em nível mais geral, através de nossa pesquisa, buscamos identificar os aspectos histórico-sociais que são determinantes nas relações entre marido e mulher nas piadas de casamento. Em nível mais específico, acreditamos que sua principal contribuição é que não podemos descartar, ignorar o que as piadas dizem. Elas são uma evidência de que a sociedade, através de estereótipos, perpetua conceitos e preconceitos; são a evidência da existência de temas sociais controversos que, por isso mesmo, são por elas abordados; são uma evidência da existência de discursos que, mesmo proibidos, teimam em burlar a interdição aparecendo na língua. São, finalmente, evidência dessa vontade de saber que sempre incitou, colocou nossas dificuldades e sofrimentos em discurso.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, M./VOLOSHINOV, V.N. (1930). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BASSANEZI, C.B. (1996). *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- _____. (1992). *Virando as páginas, revendo as mulheres: relações homem-mulher e revistas femininas, 1945-1964*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, Departamento de História. São Paulo.
- BERGSON, H. (1993). *Le rire*. 7. ed. Paris: Presse Universitaires de France.
- BRANDÃO, H.H.N. (1994). *Introdução à Análise do Discurso*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp.
- BURGUIÈRE, A.; KLAPISCH-ZUBER, C.; SEGALEN, M. & ZONABEND, F. (1997). *História da família*. Tradução de Ana Santos Silva. Lisboa: Terramar.
- CADERNOS PAGU. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero - IFCH/Unicamp, 1993-1998
- DUBY, G. & PERROT, M. (1991). *História das mulheres: o século XX*. 5 vol. Porto: Afrontamento.
- ELIAS, N. (1994). *O processo civilizador*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar.
- FOUCAULT, M. (1970). *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. (1999). *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal.
- _____. (1998). *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal.
- _____. (1999). *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal.
- FREUD, S. (1905). *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1969
- _____. (1997). *O mal estar na civilização*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- GÊNERO: Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero. NUTEG. Niterói: EDUF, 2001-2003. Anual.

- GULOTTA, G. (1994). *Comédies et drames du mariage: psycho-guide illustré de la jungle conjugale*. 2 ed. Paris, France: ESF Éditeur.
- HAHNER, J.E. (1978). *A mulher no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- KOFMAN, S. (1968). *Pourquoi rit-on?: Freud e le mot d'esprit*. Paris, France: Galilée.
- KRUSCHEWSKY, Beatriz Al-Chediak K. (1982) em seu livro *Colcha de Retalhos*.
- LOBO, P. L. N.. www1.jus.com.br/doutrina/texto.asp A repersonalização das relações de família. Abril/2004
- MACFARLANE, A. (1990). *História do casamento e do amor: Inglaterra: 1300-1840*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras.
- MAINGUENEAU, D. (1997). *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução de Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes: Editora da UNICAMP. (Linguagem/Crítica)
- NAZZARI, M. (2001). *O desaparecimento do dote: mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Companhia das Letras.
- PATEMAN, C. (1993). *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- PÊCHEUX, M. (1990). *A Análise automática do discurso*. In: GADET, F. e HAK (orgs).
- PEDRO, J.M. & GROSSI, M.P. (1998). (orgs.) – *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Ed. Mulheres.
- POSSENTI, S. (1998). *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- _____. (2002). *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. Curitiba: Criar.
- PRIORE, M. Del (1997). (org.) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- PROPP, V. (1992). *Comicidade e riso*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática.
- SALIBA, E.T. (2002). *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SAMARA, E.M. (1986). *A família brasileira*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense.
- SCHPUN, M. R. (1997). (org.) **Gênero sem fronteiras: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero**. Florianópolis, SC: Editora Mulheres.